

## O MAPEAMENTO POSSÍVEL NO MUNDO DOS POSSÍVEIS

---

*Eduardo Jorge Esperança<sup>1</sup>*

Logo que sugeri o título, dentro do quadro mais seco do futuro da sociologia, alguns colegas me foram logo dizendo, – “melhor fora que falasses dos impossíveis”. Posso concluir que a consideração que têm por mim deve ter subido, pois não se pede uma abordagem destas a qualquer um.

Falar e reflectir sobre o mundo dos possíveis, é pensar as suas condições de possibilidade, o enquadramento da sua emergência e do seu devir.

Pensar o mundo dos possíveis é verificar, de facto se ele cabe dentro dos impossíveis, ou se é o contrário que se regista, – se é o mundo dos impossíveis que contém o dos possíveis. Se pensarmos bem, eles autoexcluem-se, são incompatíveis.

O mundo dos possíveis que aqui nos interessa é o da Ciência, limitada aqui às Ciências Sociais.

Qual é a ciência que existe – perguntamo-nos, e quais são as ciências possíveis?

Mas vou apresentar algumas reflexões.

O mundo dos possíveis inclui a ciência existente. Esta é razoavelmente vasta mas, no espaço da experiência contemporânea. Observar e levantar a experiência contemporânea, é ser capaz de perceber as formas de recepção e vivência do mundo. Hoje, a relação com os objectos, a constituição dos sujeitos, etc, encontra essencialmente duas sociologias: as condições da experiência contemporânea reduzem os objectos existentes ao número dos que se mostram e aparecem ou evoluem no espaço público.

Estes são os objectos que observo – essas duas sociologias.

---

<sup>1</sup> Prof. da Universidade de Évora, Departamento de Sociologia.

Uma delas é a ciência dos livros de texto, dos manuais e sebatas, que se estabiliza a dois níveis: nos livros e no estudo (dos que são estudados) e se actualizam na escola no modo como são trazidas ao presente e à percepção.

A outra ciência técnica é a dita profissional, supostamente aplicada e abusada, que envolve, por exemplo, as sondagens, as estatísticas, os levantamentos e os estudos exploratórios, etc., com os quais vão, por exemplo, os sociólogos fazendo pela vida. Esta ciência tem um nome igualmente aplicado a outras ciências – ciência ortopédica.

Ortopédica entenda-se, porque serve para endireitar. E endireitar é isso mesmo, é pôr direito o que está torto, ou é suposto estar torto.

Ora, há aqui um problema: como, e quem decide o que está direito e o que está torto?<sup>2</sup>

Na Idade Média era Deus, ou melhor, os seus agentes na terra. Era uma experiência unificada (por Deus) e calma, que em parte do Alentejo ainda tem a felicidade de viver.

Tudo isto até que um “herege” chamado Gutemberg inventou a imprensa e estragou tudo: inventou a imprensa, inventou os protestantes, inventou os iluministas, as indulgências baratas. Inventou o que mais tarde se veio a chamar a fragmentação da experiência – fragmentação por campos de acção mas, especialmente fragmentação por campos de legitimação dos saberes.

Ora, os campos de legitimação dos saberes, são precisamente o espaço cada vez mais virtual onde se decide a se actualiza o que está direito e o que está torto.

O que é que isto tem a ver com o mundo dos possíveis?

É que cada vez mais, na experiência contemporânea as condições de possibilidade dos objectos são orientadas pelos campos e formas da sua legitimação.

O que é que isto quer dizer? Quer dizer que há muitos objectos que, mesmo existindo substancialmente em termos materiais, por não terem acesso ao espaço público a às suas condições de legitimação que hoje são dominantes, não podem aceder às contemporâneas condições de existência social. Não aparecem, logo não existem.

Como há pouco referi, existe um pequeno mundo de ciência, além daquelas duas que mencionei, mas que se não sustenta publicamente, não aparece nos manuais, e dificilmente é aplicada em termos profissionais. Este é um mundo de textos, ideias e aplicações cujo acesso é restrito a indivíduos com pelo menos três capacidades difíceis de conciliar:

---

<sup>2</sup> É este um problema do Sujeito do Juízo, da Ética, da Estética e também da Sociologia.



- 1 – Um universo de saberes preenchido de referências suficientemente abrangentes (alargadas e dispersas) que possam entender e tratar esses textos;
- 2 – Capacidade de síntese e enquadramento dos universos de experiência, bem ou mal expostos.
- 3 – Muito boa vontade e motivação.

Como dizia, difíceis de conciliar. Daí a negligência destas áreas e saberes, boa parte deles pouco performativos (no sentido da sua eficácia).

Resumindo, há saberes e formas de olhar a sociedade e a experiência contemporânea que não cabem na ciência institucionalizada porque não acedem às suas formas de legitimação.

Temos então uma ciência dos manuais; uma ciência ortopédica e performativa; e uma ciência desconhecida ou menos conhecida porque menos possível.

Ora, quando chego à reflexão do que poderia ser o campo das ciências contemporâneas, e de análise da experiência social, encontro algumas determinações.

Não é incrível, mas boa parte delas – dessas determinações – são emergentes a partir dos modos como se opera a estabilização dos saberes mais conhecidos e institucionalizados. Não tanto da crítica, mas do alargamento das condições de possibilidade estreitadas pelos bloqueamentos, resistências e modos de legitimação dos saberes mais institucionalizados que reduzem drasticamente o mundo dos possíveis.

Então, o que podemos dizer ou visualizar?

O que posso mostrar é algo que já existe, em parte, mas está, como se diz, na gaveta – por se encontrar desenquadrado, deslegitimado por um modo fragmentário e institucionalizado que não só não reconhece esses saberes, como nem sequer os consegue ver – não entram no prisma aceite.

Esses saberes incluem textos, estudos e, principalmente, modos de olhar já esboçados, e outros, muitos ainda por fazer, que se caracterizam, ao contrário das características fragmentarizadas dos presentes, por uma capacidade de articulação e fusão de várias áreas do saber – fusão como em “música de fusão”, de objectos aparentemente inconciliáveis através do esquema tradicional-moderno.<sup>3</sup>

Entre esses objectos de uma sociologia que gostaria de ver emergir rapidamente, encontro alguns que é imprescindível conhecer e dominar, saber navegar sobre ou entre:<sup>4</sup>

– As tecnologias e os seus modos de mediação entre actores e práticas sociais – todos os objectos tecnológicos na sua articulação e imposição pragmática;

---

<sup>3</sup> Fusão é a palavra d'ordem não só no mundo empresarial, fusão, síncrese e sinergia...

<sup>4</sup> Mas ainda gostaria que houvesse mais!

– O conhecimento dos saberes tácitos e imanentes, ao mesmo tempo fluidos e dinâmicos e conservadores, que envolvem os modos de estar contemporâneos e raramente são expostos;

– Enfim, o conhecimento aplicado dos imaginários (de fusão/fundidos) que suportam e determinam o agir quotidiano – a ordem espectral dos narcisos ....

Quando falo disto advogo não necessariamente a integração destes saberes, mas mais a sua condição de possibilidade entre os saberes aceites.

Isto não quer dizer que seria a favor de um saber de ficção – este já existe e é por vezes adoptado. Gostaria de ver apenas esse mundo dos possíveis mais alargado.

Tenho alguma reverência por certos existencialistas como Kierkegaard ou Sartre; que mostraram ao mundo, depois de Cristo, a capacidade do homem em suportar as angústias do viver. De um homem que tem precisamente que existir nesse mundo dos possíveis, sem alternativa.

Passei a ter mais respeito por esses homens – estou a lembrar-me de Moçambique, Angola, Timor, partes do Alentejo (Alqueva) que não têm alternativas a esse mundo possível que lhes é imposto.

Do outro lado, estão Deus e os poetas (na sua acepção alargada que inclui todos os que criam – praticam a poiésis, isto é, a criação).

Quase todos os criadores que conheço, criam para fugir a esse mundo possível e fechado que os limita e chateia. Quase todos, porque há uns quantos que criam para ganhar dinheiro (fora de Portugal) o que vai dar ao mesmo, pois o dinheiro em mãos criativas é assaz libertador.

O recorte moderno dos campos do saber, fosse por razões políticas, estratégicas ou epistemológicas, no sentido em que Foucault mostrou a emergência disciplinar comum ao corpo tornado dócil como ao saber tornado dócil e disciplinado. Depois, podemos acreditar que esse recorte disciplinar se prende com a limitação das capacidades humanas frente à extensão dos saberes. Saberes que se reproduziram exponencialmente logo após a invenção da imprensa. O problema aqui era do domínio do poder de acesso, do tratamento dos diversos objectos emergentes. George Steiner, queixava-se de que já não podemos ser Leibniz que deve ter sido cronologicamente o último dos sábios (diz ele) – quanto a mim, o último foi mesmo Pico Della Mirandola que nas suas 900 conclusões, fez a verdadeira síntese de todos os pensadores gregos, árabes, hebreus e latinos conhecidos à época – 1486. Não é por acaso que a sua última obra dá pelo nome “do ser e do uno”, 1496 – sobre o dever do filósofo na busca da unidade e da concórdia. Voltando a Steiner, diz ele: a fragmentação tomou-se horrível. Todos os anos a Biblioteca do Congresso publica uma lista de todas as revistas técnicas. Cada técnica engendra umas quatro revistas ou mais em seis anos. Isto quer dizer que cada técnica se especializa tanto mais quanto mais se afasta do tronco



comum. ...”. Algumas das novas tecnologias vieram, pelo menos, simular a hipótese de um alargamento do acesso a esse domínio. Alguns entusiastas deslizaram até por essa vereda sedutora para descobrirem que sim, é melhor com um tractor do que com uma junta de bois, mas tudo continua dependente do condutor e dos seus limites. Se nos adiantarmos, acreditamos que o que o novo acesso ao domínio destas representações trouxe, foi essencialmente um maior à vontade, poder-se-ia dizer até, uma certa promiscuidade benéfica entre áreas que tinham, pelo menos nos último 80 anos, estado mais estanques.

O sonho da emergência de uma linguagem, – continua a ser isso mesmo e, nalguns casos, pode até pôr-se em causa a sua valência, caso resolva aparecer. Mas se observarmos bem a evolução dos campos e objectos que se constituem como científicos, encontramos um trabalho aprofundado e milimétrico, mas igualmente uma dogmatização protectora dos procedimentos do pensar. Neste sentido, observar a transdisciplinarização, implica suavizar dogmas de fundamento e particularmente de fronteira. Implica por vezes descer à filosofia possível, que é aquela que emerge e se instala entre campos. A mediação/articulação destes saberes emergentes e ainda não cristalizados, pode ser o catalizador dessa dinâmica de intercâmbios entre saberes mais ancorados. Convém então que estes saberes de fronteira – *borderline Knowledges*, como o são alguns saberes da comunicação, mantenha esse estatuto, para a abertura de novas hipóteses de intercâmbio e novas emergências articulantes.

Acredito sinceramente que, se Deus criou o inundo, e o homem à sua imagem, o fez num acesso de fuga à depressão em que iria irremediavelmente cair dentro do mundo dos possíveis.